

ARTIGO*O Papa negro e os homens pretos*

Lázaro Francisco da Silva

Professor aposentado pela UFOP

Membro do Centro de Estudos do Século XVIII

Resumo: O autor retoma aqui a discussão do tema apresentado no seminário "Minas Trezentos Anos", onde abordou o que entende como iconografia de religiosidade iorubana inserida na pintura e na talha da capela do Rosário do Alto da Cruz em Ouro Preto. Centra a argumentação na figura do papa pintado no teto da capela-mor da Igreja de Santa Ifigênia e apresenta texto inédito do restaurador Jair Afonso Inácio como prova de que é original a cor negra atribuída ao pontífice, e não decorrente da ação do tempo. Mostra ainda como aos negros e as demais pessoas "de sangue infecto" do século XVIII as leis do Padroado vedavam o acesso às ordens clericais e tece comentários sobre as relações sociais entre brancos e negros no interior da irmandade às vésperas da Inconfidência Mineira.

Palavras-chave: Inconfidência, Irmandade, Rosário.

As idéias apresentadas aos participantes do Seminário *Minas Trezentos Anos* foram aglutinadas num artigo publicado pela revista IFAC/UFOP número 2 de 1995, sob o título *Conjuração Negra em Minas Gerais*. No trabalho que ora empreendemos, gostaríamos de aprofundar algumas questões, especialmente no que se refere ao Papa Negro, centro para o qual convergem todos os elementos da religiosidade iorubana que ali se manifestam (e se ocultam) na redundância do melhor estilo barroco. Outros dois temas sobre os quais julgamos importante insistir são o da *possível participação* dos negros no barroco mineiro como sujeitos de arte, e o espírito de insubordinação que transpira dos Compromissos e Documentos Anexos.

Começemos pelo papa. Uma das insígnias de São Pedro e seus sucessores é a chave. Também na Santa Ifigênia a *chave* para a interpretação de seu enigma está com o pontífice estampado na cúpula da capela-mor. Para evitar a repetição de temas já expostos no artigo supramencionado sem com isso dificultar a compreensão dos que não tiveram acesso àquele texto, transcrevemos aqui o pequeno resumo que encabeça suas páginas. Diz ele:

"Esse artigo visa comunicar a descoberta na Igreja do Rosário e Santa Ifigênia de Ouro Preto, em Minas Gerais, do que se supõe ser iconografia da religião de Ifê, o Orixá da Adivinhação e da Gestação entre os negros de cultura iorubana. Construído na primeira metade do século XVIII por escravos recém-chegados da África, esse templo católico documenta a resistência negra à cultura dos brancos, afirmando na pintura e nos entalhes que a ornamentam princípios da religião defendidos pelo "Papa Negro" de Ifê, na Nigéria. A pesquisa iconográfica é reforçada pela investigação da oralidade e de fontes manuscritas, ambas relativas à construção do edifício e ao funcionamento da irmandade que a mantém."

Com efeito, a investigação da oralidade foi nosso ponto de partida. Ouvindo as lendas sobre as aparições de Santa Ifigênia, sobre Chico Rei e Vira-Saia, demos também ouvidos às interpretações correntes entre o povo de que a capela do Alto da Cruz encerra toda uma simbologia de religiosidade afro. E decidimos conferir. Realmente lá estavam (e estão) os búzios, esculpidos nos altares laterais e nos do arco-cruzeiro; próximos a eles, tartarugas, tubérculos, elementos falimórficos. E, comandando a todos desde o ponto mais nobre de uma igreja colonial, um clérigo negro com as insignias pontificais: a cruz de três braços e a pomba designativa do Espírito Santo, garantia da infalibilidade Sumo Pontífice. À semelhança do que se vê no presbitério da sé de Mariana, outros clérigos completam o cenário: um bispo, um padre e um diácono, ao que parece, também eles com traços negróides. Descrição mais pormenorizada ficará a cargo de Jair Afonso Inácio em texto que citaremos mais abaixo, seguido de nota explicativa. Por ora importa que nos detenhamos um pouco na questão do conhecido enegrecimento didático dos ícones religiosos.

Sabemos ser recurso catequético tanto na América portuguesa quanto na espanhola apresentar os anjos, os santos, a Virgem e o próprio Cristo com características que os aproximem do catequizando. Em relação aos santos, além dos conhecidos São Benedito, Santo Antônio do Noto, Santo Elesbão, Santa Ifigênia e o africano branco Santo Agostinho, o século XVIII ainda lhes dará a conhecer Nossa Senhora Aparecida, que traz nas cores o limo do Paraíba, de cujo vale procedem os fundadores de Minas. Ademais, alguns entalhadores farão seus anjos com cabelinhos encarapinhados e alguns pintores introduzirão anjinhos negros na sua corte celeste. Este é o caso da igreja Matriz de Santo Antônio em Santa Barbara, onde um anjinho pretinho chama a atenção entre seus pares de cabeleira dourada e traços ibéricos.

Podia ser, então, que o Papa Negro refletisse a tendência geral de criar o clima propício ao acolhimento dos gentios. Não fosse a alerta

lançada por Costa e Silva¹, e continuaríamos nessa linha de interpretação entendendo que a cor negra da efígie do vigário de Cristo fazia coro à retórica da aproximação. Costa e Silva, no entanto, nos abriu caminho para uma outra compreensão do *Papa Negro*. Suas palavras: "*Duarte Pacheco Pereira escreve que o Hooguanee (rei) era considerado papa entre os europeus*". Hooguanee é o nome pelo qual se conhecia o sumo sacerdote de Ifá, cujo trono se assenta em Ifé, importante cidade do estado de Oshun, na Nigéria.

A analogia com o bispo de Roma se fundamenta na autoridade e nas funções desempenhadas por ambos. Como o romano pontífice, o "pontífice nigeriano" zela pela doutrina e pelo culto, e confere as ordens sacerdotais na linha dos orixás, ancestrais míticos, dentre os quais se destaca Ifá, o orixá dos búzios, posteriormente identificado com Cristo no sincretismo. Os búzios são as contas do rosário de Ifá, em número de dezesseis, um a mais que o rosário católico, composto de quinze mistérios.

A propósito, conta Nina Rodrigues² que certa vez "*o céu passou por grande crise [porque] os homens não faziam quase sacrifício aos deuses, e os orixás estavam a ponto de morrer de fome. Ifá, um dos orixás mais notáveis, tentou a pesca e nada apanhou; desencorçado, foi pedir conselho a Elegbá [sobre como resolver seu problema de subsistência]. Propôs-lhe este que fosse às plantações de Orungan, o rei dos homens, e trouxesse [para ele] dos dois dendezeiros que ali havia 16 nozes com que o feiticeiro lhe ensinaria a adivinhar e ir pelo mundo ganhar a vida*". Obediente, Ifá chamou sua mulher e foram ambos ao campo. Colheram as nozes dos dois dendezeiros e as trouxeram para matar a fome do deus dos deuses, esquecido pela impiedade humana. Como recompensa, Ifá recebeu dezesseis olhos com os quais se tornou capaz de descortinar o futuro. São os búzios. Isto explica a prescrição ritual que se impôs ao longo dos tempos: a consulta ao adivinho obriga o consulente a se fazer acompanhar por uma pessoa do sexo oposto. Macho e fêmea, homem e mulher, pênis e vagina, são os arquitetos do futuro. Além de presidir a adivinhação, Ifá, a divindade de Ifé, preside igualmente à gestação.

Na mitologia iorubana este orixá é o demiurgo que funda o universo. "*No princípio só havia Céu e Mar. A Terra não existia. Então Olorum fez soltar do Céu até às Águas uma corrente, e mandou Odudua descer, trazendo um pouco de terra, uma palmeira e um galináceo. Odudua despejou a terra na água, e sobre o montinho de terra formado*

¹ "A enxada e a lança - A África antes da chegada dos portugueses", p. 443

² Os Africanos no Brasil, p. 227.

colocou a palmeira e a galinha. A palmeira criou raiz, e a galinha começou a ciscar a terra que foi-se espalhando e formando as ilhas e os continentes."³ Outras versões identificam o Céu com Olorum (macho), a Água com Odudua (fêmea), um sobre o outro, e dizem que quem desceu foi Ifá. Desceu em Ifé, a Roma negra, o umbigo do mundo, marca do exato ponto por onde a Terra começou a espalhar-se. E a galinha fecunda, cujo pé, na cultura popular, não se come porque espalha e não junta, a galinha se tornará comida predileta dos deuses, principalmente quando suas penas são negras.

Agora vejam: no retábulo dos altares laterais de Santa Ifigênia os búzios são dezesseis! E os entalhes das ilhargas ostentam em profusão o que de um lado se parecem com pênis e, de outro, lembram vaginas. A nosso modo de ver, nada mais era preciso para se "fechar gestalt". Outros detalhes poderiam ser estudados, como, por exemplo, o sentido das tartarugas, também tidas como divindades na África Negra, os inhames, comida ritual por demais conhecida, os cachos de trigo, os santos do altar e sua relação com Xangô, com Oxum, com Iansã... São detalhes sobre quais nos detivemos no Seminário "Minas Trezentos Anos" e que depois retomamos no mencionado artigo. Por isso vamos preterir-los aqui. Com o papa, no entanto, com os búzios, e os símbolos masculinos e femininos a questão para nós se completa, e a ortodoxia cristã da Mesa Diretora da Irmandade se compromete seriamente.

Desde nossa participação no Seminário, passando pelo artigo publicado no IFAC, nosso ponto de vista tem sido de um modo geral bem aceito no meio acadêmico, o que não deixa de ser um grande encorajamento. Uma única voz discordante de que temos conhecimento se apegava à possibilidade de que o papa não seja de fato negro, mas apenas escurecido pelo tempo, coisa que se resolveria com uma boa restauração. A este argumento responderemos abaixo com as palavras do próprio restaurador que trabalhou aquela parte da igreja.

Por enquanto retomemos a argumentação por outro lado, e lembremos o seguinte: em toda confraria negra do século XVIII o capelão será sempre um homem branco. Isto acontece, inclusive, porque não existem padres negros no início da colonização. A legislação que regulamenta o acesso às ordens sacerdotais entre os católicos de então veda a ordenação de negros, mulatos, pardos, índios e marranos, enfim, das pessoas ditas de "sangue impuro". Não eram admitidos sequer às ordens menores. O mais próximo que um negro chegava do altar na primeira metade do século XVIII era tornando-se sacristão. Vejamos um

³ Santa Ifigênia de Ouro Preto - A Inconfidência Negra. Inédito em co-autoria com Marcelo J. Hypólito.

caso histórico. Em 1781, quase quarenta anos após a pintura do papa na Santa Ifigênia, "André Soares de Araújo, natural, e baptizado na Freguesia de Nossa Senhora da Guia de Pacobaíba do Bispado do Rio de Janeiro, filho legitimo de João Francisco de Araújo, natural, e baptizado na freguesia de Sant'Iago da Carreira do Bispado do porto, e de Antônia da Costa Soares, natural e baptizada na Freguesia da Conceição do Rio das Pedras do Bispado de Mariana, neto pela parte paterna..."⁴ protocolou no Cartório da Câmara Episcopal pedido de admissão às ordens menores e sacras. Instaurado o processo, descobriu-se que pela parte materna era neto de Jozefa, preta forra. Desconhecia-se o avô materno. Mesmo assim o processo seguiu em frente e mereceu o seguinte despacho de Joze Gomes de Miranda, pároco de Rio das Pedras:

"R.^{mo} S.^{mo} D.^{no} Provisor: Obedecendo as ordens de L (?) Informei-me em todo o segredo de pessoas fidedignas, e antigas nesta Freguesia e das de fora della, nenhuma pude achar que me informasse das naturalidades, origens e pureza de sangue dos paes e avôs do habilitando pela parte paterna, só sim medicerão que a may do dicto era parda e chamada Antonia da Costa Soares, filha natural de Josefa preta forra na nação Mina, escrava que foi do R.^{mo} Vigr.^o João Soares Brandão nascida e baptizada nesta Freg.^a de N. Snr.^a da Conceyção do Rio das Pedras: donde foy sendo de menor idade p.^a a cidade do Rio de Janr.^o ou seu reconcavo onde se cazara com esse João Francisco de Araujo, Maior não pude descobrir e assim o juro in verbo parochi." Seguem as assinaturas e os nomes das testemunhas, comprometedoras das pretensões de André Soares de Araújo, candidato às ordens menores. Se um pardo não pode receber as ordens iniciais por sangue impuro, a fortiori um preto não chegaria à dignidade papal

Um outro exemplo: em 1788 Dom Frei Domingos da Encarnação⁵ (1779-1793) encaminha ao vigário da Sé de Mariana uma Carta *De Publicandis*, que deveria ser afixada à porta da igreja, e pela qual ordenava "a toda pessoa, ou pessoas de qualquer qualidade, gráo, preeminencia, estado, ou condição que sejam, assim homens, como mulheres com pena de obediencia, e de excommunhão mayor ipso facto incurrenda, digão, e descubirão todos, e quaesquer defeitos, ou impedimentos, que souberem do dito habilitando que lhes prohibão as ordens que pretende, conteúdos nos Interrogatorios seguintes..." Era uma situação inédita: Jozé Teixeira Romão, filho legitimo do Tenente Manuel Teixeira Romão e Quitéria Maria dos Santos, ambos pardos e

⁴ AAM: De Genere etc Moribus, Armário 8, n.^o 1333 Transcrição de Elisabeth Aparecida Araújo

⁵ O Documento diz "Dom Frei Manoel da Cruz" mas logo acima há uma revisão que corrige os nomes. Com efeito, Dom Frei Manuel (1748 -1764), primeiro bispo de Mariana, não poderia ser o autor do *De Publicandis* de 1788, quando já era morto

forros, encontrou uma forma de burlar o *De Genere et Moribus*.⁶ Saiu dos domínios portugueses e recebeu em Roma as ordens sacerdotais. Uma vez padre, retorna a Mariana e solicita autorização do Bispado para o exercício ministerial. Foi bem sucedido, e no começo do século XIX estará atuando como capelão da Irmandade das Mercês em Bento Rodrigues.⁷

O *De Publicandis* era um questionário com vinte e oito questões. Resumamos algumas: se é batizado e crismado; se é ou foi hereje, apóstata ou filho ou neto de infiéis, hereges, judeus ou mouros; se é filho legítimo, havido de legítimo matrimônio; *se tem parte de nação hebreá, ou de outra qualquer infecta, ou de negro, ou de mulato*; se é cativo, corcovado ou aleijado.... Ouvidas as testemunhas, todas juraram a boa morigeração do pleiteante, afirmando que não padecia de *outro* algum defeito; OUTRO, porque um defeito era notório: sua cor, imprópria ao sacerdócio, segundo a legislação do reino. Os termos do *questionário* eram decorrência dos vínculos entre a Igreja e a Coroa Portuguesa, e se mantiveram em vigor mesmo durante o governo pombalino.

Não são padres nem os santos negros que ocupam o nicho dos altares. São Benedito e Santo Antônio do Noto não passaram de irmãos leigos no desempenho das funções mais humildes da vida conventual. Nadava contra a corrente o jovem André Soares de Araújo, que não tivera as chances de escapular para Roma, como o fizera Teixeira Romão. De qualquer forma, nesse final de século, estes dois processos sinalizam para uma abertura da legislação eclesiástica, que se tornará menos discriminatória ao longo do século XIX. O Papa Negro, no entanto, é obra da primeira metade do século do século XVIII, quando era inconcebível o acesso de homens de cor às ordens sacras.

E mesmo assim, aproveitando o interstício iluminista em que Pombal estará mais interessado nas arrobas de ouro que nas almas dos escravos, os irmãos de Santa Ifigênia convidam o mesmo artista que pintou o teto da capela-mor da Sé de Mariana, e lhe encomendam a pintura de um Papa Negro. Além dele, farão esculpir os búzios e os símbolos da fertilidade em vários pontos da talha.

Não é à toa que se empenharão com todas as forças para não permitir a entrada do vigário na igreja, conforme mostraremos. E não é à toa também que no final do século o interior da Santa Ifigênia e de

⁶ Processo investigatório da genealogia e dos costumes do requerente.

⁷ "Recebi do thezoureiro da Irmandade da Senhora das Mercês de Bento Roiz, por mão do Cap^{am} Severino Coelho, hum... para levar em conta nas trinta oitavas, e hum... que me deve a Irmandade do ordenado que venceu como capelão da mesma, e para claresa passei este de minha letra e firma. Inficinado 8 de abril de 1816" ACM, pasta 32. (Transcrição de Walter José)

muitas outras congêneres será todo recoberto de branco, a cor politicamente correta, e alguns altares serão desmanchados para a correção de *alguns erros*.

Quem redescobre essas pinturas, nos meados de nosso século, será o já mencionado Jair Inácio⁸, que vai anotando em pedacinhos de papel os passos da descoberta. São notas esparsas, por vezes confusas, mas importantes, e pertencentes ao arquivo da família do restaurador que gentilmente nos permitiu a consulta. Vale a pena conhecer essas anotações, texto inédito, onde se misturam os sentimentos do esteta e as emoções do sangue negro a correr nas veias do artista. A fina percepção do grande restaurador que fez escola não deixa margem à dúvida quanto à negritude original não de uma, mas das quatro figuras. Ao invés de enegrecer, o que "*o tempo*" foi branquear o que era negro.

Ilustração I: Foto do Papa Negro à época da restauração.



⁸ JAIR AFONSO INÁCIO (02/08/1932 - 03/08/1982): famoso restaurador ouropretano. Começou como aprendiz na Igreja Matriz do Antônio Dias, depois, já como profissional, restaurou a Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, a Capela do Padre Faria, o São Francisco de Assis, a Santa Ifigênia e a Matriz do Pilar. Só esta última lhe consumiu nove anos de trabalho.

Com o trabalho em andamento, as nuvens brancas e os anjinhos a serem removidos ainda ocultam um terceiro clérigo que poderá ser visto na Ilustração II (Acervo Jair Inácio).

Diz Moreira de Souza⁹: *"búzios, o Rosário de Ifá, símbolos da fauna e da flora, nada [encerra] de sincretismo. É o negro se sobrepondo com sua cultura em um espaço tolerado ou determinado pela convivência étnica. Se tudo isto não bastasse, os autores mostram que o momento de afirmação étnica que sobrevive galhardo por oitenta anos, atravessando todo o período colonial, é encoberto por uma pintura branca por todo o século XIX. Essa afirmação é bastante instigadora porque nos leva a repensar as mudanças das relações étnicas nas Minas Gerais, de uma época em que os grupos africanos poderiam manter um Catolicismo de fachada, submetendo-se às exterioridades da Contra-Reforma, para uma outra em que a hegemonia da elite crioula deve permear todos os estratos, definindo um padrão de emulação étnica"*.

De qualquer forma, o século XIX é mais coerente, recobrimdo de um branco leitoso o que não deseja ver. Inescusável é que, no apagar das luzes do século XX, se venha dizer que aquele preto é branco, um branco assim "meio sujinho". Aos que não têm a oportunidade da verificação *in loco* apresentamos uma foto retirada por Jair Inácio na época em que os trabalhos de restauração se realizavam e outra que mostra o estado em que hoje se encontra. Esperamos que o leitor, mesmo distante, nos dê alguma razão. Complemento das ilustrações são as linhas que seguem, com as palavras do restaurador:

"Chico Rei, uma figura negra com um capuz¹⁰ de bispo medieval na cabeça... Documento da influência do negro na arte de Minas, aparecem num balcão de balaustradas, segurando na mão direita um báculo, na outra mão um livro ao seu lado e uma pomba nos pendentes da cúpula; descobri mais aves, muitos doutores de igreja, sem identificá-los. Porém todos representados negros..."¹¹

Para Jair, que, sobre andaimes, retira a tinta branca, camada por camada, e observa as figuras de um ponto privilegiado, o Papa Negro não foi "fabricado pela sujeira acumulada durante anos no teto da

⁹ Santa Ifigênia de Ouro Preto. A inconfidência negra, em co-autoria com Marcelo J. Dias Hypólito

¹⁰ Analisando os achados arqueológicos de Oba, cidade iorubana. Costa e Silva nos apresenta uma descrição que se casa com o Papa Negro da Santa Ifigênia "todas apresentam penteados elaborados ou têm as cabeças alongadas cobertas por gorros..." p 541

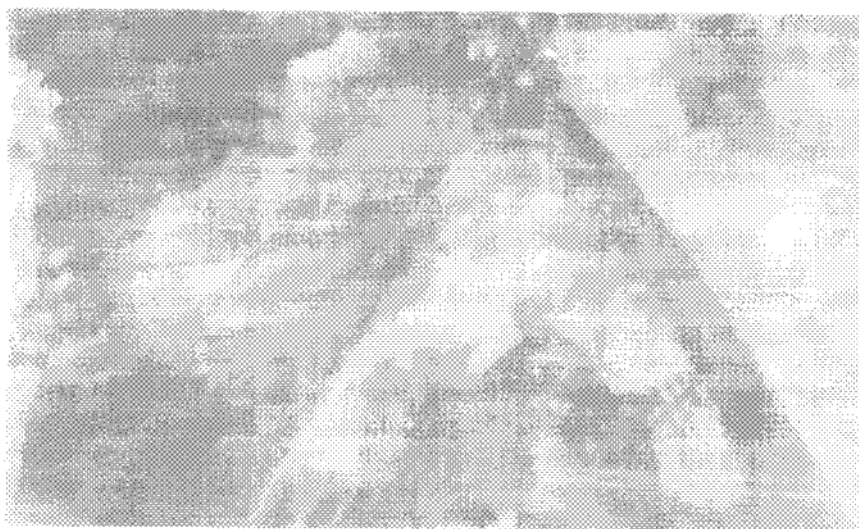
¹¹ O grifo é nosso

capela".¹² Aliás, como se viu acima, para ele não há dúvidas de que não apenas o papa, mas também os outros clérigos são negros. Escapam-lhe, sem dúvida, e ele próprio o confessa, os detalhes da simbologia da pomba e da cruz pontifical, mas não se engana quanto à cor das personagens que lá estão para quem quiser enxergar. E continua o restaurador ouro-pretano:

"O Santo que está ao lado do Evangelho traz uma mitra normal e aponta para um livro aberto, onde se lê Sanctus, Sanctus, Sanctus. As figuras são separadas por colunas. As colunas que formam a abóbada, partem de traz da balaustrada composta de curvas e contracurvas, sendo cada lance separado por uma coluna coroada por um vaso. As colunas são sustentadas por atlantes que estão nos terminais dos pendentives. Os balaustres são compostos em fuga para o alto, dando a ilusão de o recurto ser mais alto que realmente é. Os tons são sombrios, goyescos... Pouco a pouco sentíamos a capela se tornar mais rica. E este teto foi realmente uma descoberta extraordinária, tanto extraordinária quanto importante para o estudo da obra de Rabelo em Mariana e a diferença de personalidade artística entre a pintura do teto e a pintura das ilhargas. [No teto ele é um grande erudito, em baixo um primitivo]. Acontece que apesar de ter sido ele quem assinou os recibos, relegou a parte inferior a um de seus auxiliares (membro de sua equipe?). No teto o artista é um malabarista da perspectiva ao passo que em baixo é uma nulidade completa."

Ilustração II: Foto contemporânea. Restaurada por Jair Inácio, a capela-mor da Santa Ifigênia ostenta as cores originais.

¹² Rosana de Freitas em "Ouro negro", Jornal do Comércio (Niterói) E-4, 30-31/3/97.



Esta observação sobre a participação de mais de um artista na mesma obra é válida para vários monumentos religiosos mineiros, e pode ser observada no Antônio Dias, no Padre Faria, na matriz de Santa Bárbara, na Igreja de Monsenhor Horta... Os arrematadores famosos imprimem seus traços geniais nos pontos mais visíveis e relegam os rodapés aos aprendizes. Continuando a citação, *"restavam agora dois painéis, ricamente emoldurado mas contendo uma pintura de péssima qualidade, com os caracteres estilísticos de Lourenço Petrizza... Nas suas 'chinnoiseries' da estala dos Cônegos na Catedral de Mariana vemos vários elementos estilísticos que correspondem exatamente com os desenhos das ilhargas da capela de Sta. Ef. como o caçador ajoelhado, o elefante, a fonte com a diferença que (esta, em Mariana, traz na bacia uma data 1760), o caçador com o arcabuz aos ombros e as mulheres que enchem os barris de vinho. A pintura de Sta. Efigênia é mais pobre, sendo feita apenas com negro sobre fundo branco, sem ter o caráter de grisalha porque suas sombras são feitas, como em Mariana, desenhadas. As fisionomias das figuras são também as mesmas nas duas igrejas. A pintura de Mariana é apenas mais rica. Lá o autor empregou além do negro, dourado e vermelho. O vermelho em Sta. Efigênia aparece apenas nas rocalhas das molduras áreas brancas que contornam o desenho como uma moldura... O fato é que, quem pintou as estalas dos Cônegos na Catedral de Mariana pintou também as ilhargas da capela-mor de Sta. Efigênia, mas não pintou o teto da nave. Segundo*

o Sr. Manuel de Paiva, Manuel Rabelo de Souza pintou na igreja de Santa Efigênia "no alto"; não será esse "alto" o teto da capela-mor? É provável que ele tenha sido..."

Este texto é importante na medida que associa a pintura do teto de Santa Ifigênia com a da Sé de Mariana e aponta o provável artista: Manuel Rabelo de Souza. Mostra também, convém insistir, que o recibo de uma obra não garante a autoria, podendo por vezes o artista delegar no todo ou em parte a função para um auxiliar. E esta questão nos atinge sob dois ângulos: primeiramente, que um artista assina por uma equipe, o que dificulta afirmar que um determinado fulano fez *isto*; em segundo lugar que esses artistas, normalmente proprietários de um ou vários escravos, podem bem ter-se assessorado de negros, tanto na Santa Ifigênia (que demanda conhecimento dos mistérios iorubanos) quanto noutra parte. Esta possibilidade parece não escapar aos próprios historiadores, que, no entanto, necessitam de subsídios mais palpáveis para um veredicto cabal. Emanuel Araújo, por exemplo, reuniu em importante obra¹³ os principais especialistas em arte barroca que analisam o significado da contribuição afro-brasileira para a história da arte. Nela os autores que assinam os capítulos seguem o caminho seguro da documentação incontestada e se concentram em torno dos "mulatos" que imprimiram seu talento seja nas artes plásticas seja na música. Caberia perguntar a quem esses mulatos "puxaram", se ao gênio luso, se ao sangue negro, se a ambos. Porque nem só de Portugal (ou de Europa) viveu a arte nos séculos anteriores à descoberta das terras americanas.

No artigo publicado pela Revista do IFAC já chamamos a atenção para a possibilidade da contribuição efetiva do negro ao lembrarmos que, mesmo antes de portugueses e espanhóis aportarem na América, a África já possuía vigorosas escolas de arte, com destaque para a arquitetura e o entalhe. *"Em geral, a escultura em madeira domina a arte negro-africana"* afirma Allan Ryder¹⁴, *"de forma que a maior parte das peças que extasiavam os estetas é de época recente; a brilhante exceção é a da civilização Ife-Benin, onde se encontra a arte [também] em terracota e bronze."* Wai-Andha¹⁵ complementa a informação: *"Como em Nok, encontra-se em Ife, em Benin e, num grau menor em outras cidades do país Iorubá, uma tradição escultural naturalista que remonta*

¹³ ARAÚJO, E. A Mão Afro-Brasileira - Significado da Contribuição Artística e Histórica. São Paulo, Tenenge, 1988

¹⁴ RYDER, Allan F. C. Do rio Volta aos Camarões, p. 368

¹⁵ WAI-ANDAH. In: MOKHTAR, G. A África Antiga, vol. II, p. 624

pelo menos a 960..., assim como pingentes e colares elaborados." Os negros que chegam a Minas provêm em grande parte dessa região cuja arte tem sido comparada à da Grécia de Péricles. O condimento negro na receita barroca de Minas pode estar sendo eufemizado.

Por outro lado, de há muito os estudiosos da escravidão nos alertam para a multiplicidade das habilidades desenvolvidas pelos escravos no Brasil Colônia. O trabalho com madeira vem relacionado por Lígia Bellini entre as atividades escravas na Bahia, ao lado do ambulante, do aguadeiro, do barbeiro, pedreiro, lavadeira, artesão, artista.¹⁶ Adalberto Ortmann ensina que em São Paulo do século XVIII o grande mestre de cantaria era o preto Joaquim Tebas. *"Por ocasião da reedificação da Sé de São Paulo (1746-1755), não havendo profissional que se achasse capacitado para levantar a torre dela, ofereceu-se Joaquim, o Tebas, e revelou-se mestre na arte da arquitetura. Como era escravo, seu senhor, falecendo, legou-lhe a alforria com cláusula de concluir as obras".*¹⁷ E com Walter Zanini ficamos sabendo que *"os negros sofriam discriminação nas posturas municipais, fato que prejudica uma avaliação da extensão de sua participação apenas pelos registros".*¹⁸

¹⁶ BELLONI, Lídia. Por amor e por interesse, p. 73-86.

¹⁷ ORTMANN, A. História da Antiga Capela da Ordem Terceira da Penitência de S. Francisco em São Paulo. Rio de Janeiro, DPHAN, n. 16, p. 25.

¹⁸ ZANINI, Walter (Org.): História Geral da Arte no Brasil, p. 172.



Ilustração III: - O Restaurador "Manteiga", discípulo de Jair Inácio, continua o trabalho de restauração do Mestre. Como se vê aqui, o tempo não enegreceu o anjo que surge todo ibérico após a remoção da pintura mais recente.

Não podemos afirmar com certeza que algum negro tenha realizado alguma das obras enigmáticas da Santa Ifigênia. Mas podemos supor que tenham dado sua colaboração nos arremates que nos encham os olhos pela beleza das formas e pelo sentido mítico. Para melhor aquilatar esta possibilidade, passemos um rápido olhar sobre os irmãos que compõem esta confraria, a maior, a mais rica e mais culta de todas as que já existiram pelas Minas Gerais; pelos Brasis, talvez. Com isto abriremos caminho para o terceiro tema proposto.

Já foi dito que Ouro Preto e Mariana constituem o "locus" privilegiado de estudo da escravidão no século XVIII.¹⁹ Isto por dois motivos: primeiro porque ali se contava o maior número de população escrava e, segundo, porque as duas cidades preservaram grande quantidade de documentos da época, seja na Cúria Diocesana seja na Casa dos Contos, seja nos vários museus existentes. Ouro Preto, em particular, é dotado de uma especificidade rara ditada por razões históricas ligadas à constituição da Vila: nela existem duas irmandades do Rosário de Homens Pretos, e

¹⁹ AGUIAR, Marcos Magalhães de. *Vila Rica dos Confrades. A sociabilidade confrarial entre negros, e mulatos no Século XVIII*. São Paulo, USP, Depto de História, 1993.

duas irmandades das Mercês.²⁰ Constituído a partir da unificação das duas vilas, a saber, Antônio Dias e Vila Rica, Ouro Preto estará bipolarizado em termos espirituais. A unificação, ocorrida por decreto do então Governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho a 8 de julho de 1711²¹, não altera a administração eclesiástica, que mantém as duas paróquias e as respectivas irmandades. O Rosário de Antônio Dias congrega então brancos e negros num altar lateral da Matriz. Quando, mais tarde, entra com requerimento para erigir a sua capela, terá que superdimensionar a distância e ressaltar as dificuldades de acesso ao Rosário do Pilar, para obter a licença régia. Surge assim, em sede própria, a irmandade de pretos mais populosa de que se tem notícia nas Gerais.²² Cabe perguntar: que fatores explicam esta preferência dos negros, que lotam a nova capela do Alto da Cruz em detrimento daquela outra, mais antiga, mais amiga dos brancos, localizada no Catende e subordinada ao Pilar?

Inegavelmente o fator proximidade deve ter tido seu peso. Abrigando as minas do Funil, da Encardideira, do Morro da Queimada, do São João, do Tassara e tantas outras, a Freguesia do Antônio Dias era mais produtiva que sua co-irmã, Ouro Preto, para onde se deslocara o polo administrativo e onde habitavam principalmente os escravos ligados ao serviço doméstico. Os negros voltados para a extração do ouro, os mineiros, residem principalmente no Antônio Dias. Este dado parece explicar duas coisas: primeiro, o fato de os homens pretos do Pilar se relacionarem melhor com os brancos e, segundo, o fato de a Irmandade do Alto da Cruz ser mais rica e mais numerosa. E o prestígio desses irmãos de Santa Ifigênia atrairá moradores de Ouro Preto e de outras vilas mais distantes, onde via de regra já existem irmandades congêneres.²³ Santa Ifigênia exerce uma atração especial, e acolherá,

²⁰ Além da irmandade de Homens Brancos do Padre Faria e uma irmandade do Terço de Homens brancos, que se faz presente no triunfo eucarístico de 1733

²¹ Assim nasce a Vila Rica de Albuquerque, posteriormente denominada simplesmente Vila Rica.

²² Diz Marcos Aguiar: "O Rosário do Alto da Cruz destacava-se frente às demais com uma média de 100,9 irmãos por ano no período de 1770-1810. Isto representa o dobro do Rosário de Ouro Preto, e quase o triplo das duas Mercês. *Op. cit.* p. 32-3." E acrescenta: "Se nos restringirmos ao período de 1760 a 1770, a superioridade numérica do Rosário do Alto da Cruz ainda fica mais evidente".

²³ "Vicente da Costa de Oliv^o", no inficionado asentou se Irmão nesta Irm^{de} de N. Sra. do Rosario em 6 de Jan^o de 1800". / "Caetana Franca de Moura parda m^a, na rua S. Jozé se acentou por irmã de N. Sra. do Rosario em jan^o de 1798" / "Maria Arcangela, Moradora no Ouro Preto asentou p^a Irmandade Rosario asujeito As leis do compremicio 22 Fev^o 1829" / "Veridiana Mina de D^a Francisca de Albercaria Na Rua direita asentou se por Irma de N^a

inclusive, ilustres figuras da política colonial, tanto no século XVIII quanto ainda no XIX. Um dado que não se pode omitir é que a Virgem Núbia, a Virgem Negra, Santa Ifigênia, é padroeira também dos militares, e debaixo do seu manto se alistarão as mais altas patentes crioulas. Este fato já havia sido observado por Scarano²⁴: "*A presença do Padre José da Silva de Oliveira Rolim, considerado o inconfidente mais perigoso do Tijuco e sobre quem recaiu a mais severa punição padecida por um habitante do Distrito, serve para esclarecer de algum modo o que poderia significar realmente a participação de padres e militares na Confraria do Rosário.*" Ou militares e inconfidentes, ousariamos acrescentar.

O já citado Marcos Aguiar²⁵ fala de uma retração do número de irmãos mais para o final do século XVIII, e descarta razões de fundo econômico ou demográfico. Importa observar que tal período coincide com a ascensão de Dona Maria I e a conseqüente queda do Marquês de Pombal. O iluminismo português não se preocupara com as questões religiosas que os negros lhes encaminhavam, nem dera ouvidos às constantes reclamações dos párocos e bispos quanto à insubordinação dos homens pretos. Compromissos como o dos irmãos da Santa Ifigênia tiveram de aguardar cerca de cinquenta anos para obter a aprovação de Lisboa. Outros esperaram mais tempo. Dona Maria assume e empreende uma devassa em regra sobre os documentos das Irmandades. O Compromisso da Santa Ifigênia, tomado como modelo por uma série de outras irmandades²⁶, merecerá limitações e censuras numa série de itens. Ao lado disso, a Rainha passará a atender às reivindicações dos vigários, alijados da Irmandade, reconhecendo o

Sr^{da} do Rosario asujeitou As leis do compromisso em 22 de Fev^o de 1829"/ "Franc^a X^{te} de Jezus parda mor. na praça asentouse p. Irman nesta Irm^{de} da S^{ta} do Rozario Em 4 de fevero. d 1798"/ "Anna Izabel parda m^{te} de Luiz F^o da Costa moradora no Ouro Preto se asentou p. Irman de n. S^{ta} do Rozario e se sujeitou as leis do comprimiso em Fevereiro de 1803"/ " Umbelina f^a do Ten. Pedro Joze de Ar^o moradora no Ouro Preto asentou por Ir. em fevereiro de 1803".

²⁴ Devoção e Escravidão (A Irmandade de N. S. do Rosário dos Pretos no distrito Diamantino no Século XVIII), p. 133.

²⁵ "Mesmo se dobrarmos as médias dos anos de 1794-1810, fica claro que o rosário do Alto da Cruz, na transição do sec. XVIII para o XIX, não manifestava o mesmo poder de atração que lhe conferia posição de relevo na década de 50... É complicado atribuir estas mudanças às transformações conjunturais, de caráter econômico e social, refletidas, por sua vez, nas modificações demográficas (e vice-versa), ou às transformações internas de sensibilidade e comportamento coletivos, indutoras ou induzidas, ao mesmo tempo, de uma possível retração do modelo de devoção religiosa estabelecido em Minas no sec. XVIII, baseado na sociabilidade confrarial". *Op. cit.*

²⁶ Tal é o caso dos irmãos das Mercês de Catas Altas, entre outros.

direito paroquial de presidir às eleições da mesa, receber as taxas de fábrica, cantar as missas festivas e pronunciar os sermões dos Padroeiros. Estava encerrada a liberdade iluminista.

Falando sobre a Inquisição, Laura de Mello e Souza²⁷ é do mesmo parecer. São suas palavras: "... sabe-se que durante o 'consulado' pombalino, desenvolveu-se esforço no sentido de manietar aquela poderosa instituição (a Inquisição), culminando com a imposição do Regimento de 1774." Se Pombal manietou a Inquisição, Dona Maria manietou as irmandades. A última investida dos Irmãos do Alto da Cruz é de dezembro de 1788: Bernardo Jozé da Encarnação, vigário da freguesia, intimara-os a não celebrarem missa com sermão nem cantarem novenas sem sua expressa autorização, sob pena de excomunhão. Os negros vêem na medida "*notoria Violencia, e opressão*" e um "*vigoroso atentado à jurisdição*" da Rainha, Grã Mestra que é da Ordem de Cristo e "*a quem pertencem as igrejas deste Continente*". Recorrem ao Provisor do Bispado solicitando "*declarasse nulla edenenhum efeito aintimação*" do Reverendo Vigário. O Provisor indeferiu a petição. Que fazem eles? Dirigem-se à Rainha: "*A V. Mag^a recorrem os officiaes da Irmandade de n. Snr^a do Rozario do Alto da Crus da Freg^a de Antonio Dias, do Reverendo Provizor deste Bispado naqualidade de Juis dellegado do Ex^{mo} Ordinario pelo fundamento denão lhes deferir a Petição FL. em que lhe pedião que declarasse nulla edenenhum efeito...*"²⁸

O que tentam neste e em outros documentos é convencer a Rainha que não são eles mas a própria Soberana a ofendida, tendo e vista que foi Sua Majestade quem aprovou o Compromisso que eles observam "*fielmente*". Esse Compromisso na realidade é uma farsa, como tentamos demonstrar no trabalho anterior. Uma farsa e uma deslavada mentira que as autoridades eclesiásticas percebem mas se vêem sem força política para combater nos três primeiros quartéis do século XVIII. Os padres estão vendo as estrepolias dos negros, mas nada podem fazer, tendo em vista que os mesmos contam com o apoio real. No juramento que prestam as testemunhas de justificação para aprovação dos Estatutos, por exemplo, o escrivão eclesiástico Pe. Manuel Monteiro Pinto observa: "*deu juramento dos Santos Evangelhos em hum livro*

²⁷ Em nota o mesmo texto a autora esclarece: "Foi este Regimento obra do Marquês de Pombal, o que, por assim dizer, quebrou os braços dos inquisidores e desde então, por mais que quiseram, pouco puderam fazer" *Ide*, p. 324

²⁸ Transcrição de Cláudio Lúcio C. Dials e Eduardo Dias dos Santos

delles" como a dizer que a capa era realmente dos Evangelhos, mas o miolo... quem sabe? Para não incorrer em perjúrio os negros poderiam ter mantido a capa e substituído o conteúdo. O que o Pe. Monteiro parece insinuar com relação ao livro, os negros fazem de fato com relação aos entalhes e à pintura: uma aparência de Cristianismo romano a ocultar suas tradições africanas.

O Capítulo 23 dos Estatutos contém a solicitação de aprovação de aprovação real: "*Pedimos a S. Magd^e Fidelissima queira por sua Real Grandeza, e Alta Benignid^e aprovar-nos, e confirmar-nos Estes Capitulos da nossa Irmandade, havendo-os todos por firmes, e valiozos, e Ley da dita irmandade, a que sedê inteira validade; e por elles se reja, e governe a mesma, para bem dos Irmaons Pretos, e Culto de Nossa Senhora, tomando della Conhecimento os Corrigidores, Miniztros de V. Magd^e afim de se executar o que nos mesmos se determina, e serem punidos os que os contravierem.*"²⁹

"Para o bem dos irmãos pretos" é uma frase estranha numa irmandade que se propõe a acolher toda qualidade de pessoas. Os negros querem um regulamento que regule não a si mas os brancos. Assim, tal Compromisso, com a chancela real, é um libelo contra o dominador, um modelo de ardil jurídico e uma arma que usam contra quem quer que, de fora, se insurja contra eles. Diferentemente de sua coirmã do Catende, que, como já foi dito, se alia aos senhores³⁰, os Homens Pretos do Alto da Cruz enxotam os brancos que podem; os que não podem (tesoureiro, secretário, capelão, vizinhança) enredam nas teias dos Compromissos de tal forma que façam apenas o que lhes interessam.³¹ O que não os impedirá de, às vésperas da Inconfidência, receber com toda espécie de gentileza dois brancos ilustres que sobem a longa ladeira e solicitam assento: "O S.^o Dez.^o Thomaz Antonio Gonzaga Se assentou por Irmão de

²⁹ Transcrição de Maria Augusta Braga, do CECO - Casa dos Contos

³⁰ Referência ao Triunfo Eucarístico de 1733. No capítulo 8 do Compromisso desse Rosário esta relação assume caráter de lei: "Será obrigado o tesoureiro a dar contas em mesa, todas as vezes, e quando esta lhas pedir, principalmente no fim de cada anno, quando a nova mesa, tomar posse, e entrega da Irmandade, da qual, e sua fabrica não emprestará para fora da capela ornamento, nem outra cousa algum, nem consentira que outro algum official, ou Irmão, faça o dito empréstimo, só sim sendo para a Igreja Matris"

³¹ "Cap. 22 - Entrará nesta Irmandade toda a qualidade de pessoas sendo Catholicos Romanos, para effeito degozarem dos privilegios, e indulgencias, deque he enriquecida a mesma Irmandade, e denenhuma sorte se intrometerão em as dispozições, e governos da d^a Irmandade, excepto o Tezoureiro, o Escrivão e o R.^{do} Capelão, que forem elleitos pela Meza, e eles darão seus votos, conformando-se com os Irmaons pretos em tudo o q^o for justo, e de Razão" - Transcrição de Maria Augusta Braga (CECO - Casa dos Contos)

N. Sr^a. do Rozario e fica Remido por muitos beneficios que tem feito a esa Irmandade este anno de 1789 de que para constar fiz este termo de que assignou comigo Escrivão da Irm^{da} 32 Da mesma forma "O Dor Claudio Manoel da Costa Seasentou por Irmão desta Irm^{da} de N. Sr^a. do Rozario e tem feito mtos beneficios a mesa Irmde de q'fica paga a sua entrada de que para constar fiz este de que assignou comigo Escrivão da Irmde. em 1789a. 33" Aos historiadores caberá o julgamento deste gesto sugestivo de um envolvimento incipiente dos Irmãos do Alto da Cruz em relação aos Conjurados. Tal suspeita se reforça com a citação supra de Judite Scarano que também aponta o Padre Rolim entre os irmãos do Rosário no Tejuco. Pode bem ser que este capítulo esteja apenas no início e que outras pesquisas venham demonstrar uma aproximação intencional dos conjurados em relação aos Homens Pretos das irmandades do Rosário numa tentativa de formação das bases do movimento. A nós parece que o golpe desferido sobre a Conjuração Mineira não estaria completo se não atingisse também as confrarias de negros e mulatos.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Marcos Magalhães de. *Vila Rica dos Confrades. A Sociabilidade confrarial entre os negros e mulatos no Século XVIII*. 1993. Dissertação de mestrado. Departamento de História da USP.
- ARAÚJO, Emanuel. (Org.). *A Mão Afro-Brasileira - Significado da Contribuição Artística e Histórica*. São Paulo, Tenenge, 1988.
- BELLINI, Ligia. Por amor e por interesse: a relação Senhor-Escravo em cartas de alforria. In: REIS, J.J.- *Escravidão e Invenção da Liberdade*, p. 73-86.
- BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder (Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais)*. São Paulo, Ática, 1986.
- CARVALHO, J. G. Vidigal de. *A igreja e a Escravidão*. Rio de Janeiro, Presença, 1985.
- _____. *A Escravidão: Convergências e Divergências*. Viçosa, Folha, 1988.
- _____. *Temas de História da igreja no Brasil*. Viçosa, Folha, 1994.

³² Arquivo Casa dos Contos, Livro 126, Vol. 2030, Rolo 59. Transcrição de Cláudio Lúcio C. Dias dos Santos.

³³ Ibidem. Transcrição de Maria Augusta Braga

- COSTA E SILVA, A. - *A enxada e a lança. A África antes dos portugueses*. São Paulo, EdUSP/Nova Fronteira, 1992.
- HOORNEART, Eduardo, et alii. *História da Igreja no Brasil*, tomo III. Petrópolis, Pauflinas.
- KI-ZERBO, J. *História Geral da África*, I. São Paulo, Ática/UNESCO, 1980.
- MANUSCRITO. 1733. *Compromisso da Irmandade do Rozário dos Homens Pretos da Freguesia do Antonio Dias*. Ouro Preto: Arquivo da Casa dos Contos.
- MANUSCRITO. 1734. *Petição, Despachos e Instrumentos de Justificação*. Ouro Preto: Arquivo da Casa dos Contos.
- MANUSCRITO. 1737. *Assentamento de Irmãos Brancos da Irmandade de N. S. do Rosario dos Homens Pretos do Padre Faria*. Ouro Preto: Arquivo da Casa dos Contos.
- MANUSCRITO. 1782. *Compromisso da Irmandade de N. S. do Rosario dos Pretos da Capela de S. Antônio do Calambau*. Mariana: Arquivo da Cúria Metropolitana.
- MANUSCRITO. 1846. *Assentamento da Irmandade de N. S. do Rosario dos Pretos de Mariana*. Mariana: Arquivo da Cúria Metropolitana.
- MANUSCRITO. 1794. *Compromisso da Irmandade das Mercês da Freguesia de Catas Altas do Mato Dentro*. Mariana: Arquivo da Cúria Metropolitana.
- MANUSCRITO. 1809. *Carta Nafra. da Ordem Régia*, Ouro Preto: Arquivo da Casa dos Contos.
- MATTOSO, Kátia Q. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MENEZES, Joaquim F. *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto*. Belo Horizonte, IEPHA, 1975.
- MOHKAR, G. *A África Antiga*, vol. II. São Paulo, Ática/UNESCO, 1983.
- MONTI, Franco. *As Máscaras Africanas*. [Trad. BRANDÃO, Luís E. de L.]. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- NINA RODRIGUES, R. *Os Africanos no Brasil*. 6. ed. Brasília, Nacional/UNB, 1982.
- ORTMANN, Adalberto. Frei. *História da Antiga Capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco em São Paulo*. Rio de Janeiro, MEC/DPHAN, N^o 16.
- RYDER, Allan F.C. Do Rio Volta aos Camarões. In: NIANE, D.T. (Coord.). *História Geral da África (A África do Século XII ao Século XVI)*. São Paulo, Ática/UNESCO, 1983.
- SALLES, Fritz Teixeira de. *Associações religiosas no ciclo do ouro*. Belo Horizonte, UFMG, 1963.

- SCARANO, J. Devoção e Escravidão (A Irmandade de N. S. do Rosário dos Pretos no distrito Diamantino no Século XVIII). 2. ed. São Paulo, Nacional, 1972.
- SILVA, Lázaro F. da. Conjuração Negra em Minas Gerais. In: *Revista do IFAC - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais*. Número 2, 1995, p. 68-78.
- SOUZA, José Moreira de. *Cidade: Momentos e Processos (Serra e Diamantina na Formação do Norte Mineiro no Século XIX)*. São Paulo, Marco Zero, 1993.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. 2. impr. São Paulo, Letras, 1989.
- VASCONCELOS, Agripa. *Chico Rei*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1966.
- WAI ANDAH, B. África Ocidental antes do Século VII. In: MOKHTAR, G. H. *A África Antiga* (II). São Paulo, UNESCO, 1983.
- VIDIGAL, Pedro M. *Os Antepassados*, vol. I (Sobre Guarapiranga). Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1979.
- ZANINI, Walter (Coord.). *História Geral da Arte no Brasil*, vol. I. São Paulo, Moreira Sales/ Djalma Guimarães, 1983.